



## UM FLÂNER À SERGIPANA: Modernidade, urbanização e cotidiano de Aracaju na Belle Époque (1918-1926)

Jeferson Augusto da Cruz<sup>1</sup>

No crepúsculo do século XIX, acontecimentos nos âmbitos político, social e cultural vindos da Europa, mudariam as estruturas vigentes não só do continente europeu, mas atravessariam o Atlântico e repercutiriam no cotidiano do Novo Mundo, principalmente no âmbito das cidades. Porém, foi um período de transição conturbado e que representou a inserção da sociedade a padrões tidos como modernos encaminhado-a rumo ao progresso almejado principalmente pelas camadas mais ricas que ditavam as regras nesse período, pois “estava na ordem do dia assegurar para as classes mais abastadas um espaço público propício à integridade e à ostentação do *status*, de acordo com as últimas tendências do mundo tido como civilizado” (AZEVEDO NETO, 2011: 34). Sobre a importância do século XIX e seus acontecimentos, Weber (1986) apresenta:

*O século XIX tinha o hábito de encerrar as coisas. A cortina caía repentinamente sobre regimes, revoluções, classes dominantes e ideologias, erguia-se e depois baixava de novo; mas aqueles que a história alegadamente condenava nunca paravam de morrer. (WEBER, 1986: 9)*

Os acontecimentos enredados durante o século XIX tiveram papel importante na formação das estruturas que vigoraram durante o prelúdio da centúria subsequente, pois como evidencia a citação acima, regimes políticos, revoluções populares, classes abastadas e as ideias que vigoravam no período, ocasionalmente eram dissolvidas, porém, eram imediatamente restabelecidas. Esses acontecimentos nos ajudam a

---

<sup>1</sup>Graduado em História pela Faculdade José Augusto Vieira (FJAV), graduando em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) na linha de pesquisa Cultura, Historiografia e Representações sob a orientação do Prof. Dr. Gian Carlo de Melo Silva, bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL). E-mail: [duquejeferson@yahoo.com.br](mailto:duquejeferson@yahoo.com.br)

compreendermos como a sociedade do início do século XX foi forjada, ou seja, como os acontecimentos da centúria formariam a mentalidade do novo período que se iniciava.

Houve mudanças em diversas áreas, pois as impressões do final do século XIX e início do XX marcaram fortemente as gerações desse período. Mas as transformações transcorridas no contorno das grandes cidades e nos comportamentos foram os mais significativos.<sup>2</sup> No que se refere a modernidade, podemos entendê-la como:

*Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e freqüentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (BERMAN, 1986: 14)*

Estar inserido no mundo moderno era viver um universo dual, regado de inúmeras contradições, onde valores eram esquecidos e outros eram adotados. Retomando a Aracaju, o foco principal deste trabalho, vamos perceber que a nova centúria, juntamente com a república vai possibilitar a sua inserção a modernidade que tanto ansiava, pois “foi na segunda década do século XX que ocorreu de modo mais visível a criação de uma estrutura moderna no estado” (SANTOS, 2013: 70).

Berman (1986) constata que ela está dividida em dois compartimentos que as diferenciam, no entanto há uma ligação hermenêutica entre um e o outro, ou seja, para o autor a modernidade contém duas partes: a modernização, que está associada no cerne da economia e da política e o modernismo, por sua vez ligado de forma umbilical ao universo da arte, cultura e sensibilidade, porém tanto a modernização quanto a modernidade “se desenvolvem por conta própria” sem precisar necessariamente da ação humana sobre elas, no entanto, apesar de ser independente, esse dualismo incide fortemente nas pessoas que perscrutam sobre os caminhos modernos.

A vertente da modernidade que em alguns momentos será empregado nesse trabalho será a modernização, haja vista que o projeto modernizador de Aracaju fora

---

<sup>2</sup>SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante:** Técnica, Ritmos e Ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). História da Vida Privada no Brasil. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

pensado justamente pelos representantes da política e da elite, com isso, comungamos com a assertiva que aponta a “política modernizadora desencadeada a partir de 1889 – e até muito antes – esteve mais para um processo de modernização do que modernidade.” (SILVA, 2001: 19) Como exemplo de vivência nos ambientes cosmopolitas, Berman cita Charles Baudelaire, justamente para exemplificar o indivíduo que teve ligações fortíssimas com os aparatos da modernidade, para ele, Baudelaire foi responsável por difundir entre as gerações do século XIX na França, a necessidade de se pensarem como modernos. Logo, vemos que ele teve um papel importante durante as transformações urbanas vivenciadas em Paris no final do século XIX, além de ter sido um observador assíduo e perspicaz, ele difundiu junto a sua geração a necessidade de serem cidadãos modernos, algo que foi presente em suas obras e que se perpetuou durante muito tempo.

Benjamin (2009) também se debruçou sobre Baudelaire em seus trabalhos, para ele através do personagem, a cidade de Paris torna-se “um objeto da poesia lírica”, criando um olhar alegórico sobre ela. O olhar do *flâneur* sobre a Cidade Luz e suas transformações foi um dos fatores preponderantes para entendermos como a população recebia as novidades trazidas pela modernidade e que culminaram no período chamado *Belle Époque*, esse momento Santucci (2008) conceitua como um período que compreende o final do século XIX e vai até a Primeira Guerra Mundial, e ainda no entender da autora:

*(...) se caracterizou por uma sucessão de experimentações que se estende pelo nome de modernidade, vivenciada e compreendida por seus contemporâneos como progresso e civilização. O momento foi marcado por uma explosão de contradições que ressaltaram as diferenças e as condições diversas oferecidas no contexto da vida urbana, acompanhada de uma euforia que trazia a expectativa de ser possível resolver cientificamente todos os problemas da humanidade. (SANTUCCI, 2008: 17)*

O termo modernidade citado pela autora, foi utilizado segundo ela, “no sentido de relacionar as transformações urbanas e seus efeitos socioculturais ocorridos a partir da segunda metade do século XIX. Ao lidar com o ineditismo da vida moderna, o indivíduo que vive essas mudanças se sente ameaçados e seduzido ao mesmo tempo.” (SANTUCCI, 2008:160). Percebamos que há relações entre Santucci (2008) e Berman (1986), pois ambos evidenciam o mister de deslumbre e fascinação que as pessoas tinham quando se deparavam com as transformações vertiginosas. Concomitantemente, vemos que esse período foi marcado pela exclusão das camadas menos favorecidas,

tornando-o um “processo tortuoso, dantesco, criminoso e excludente” (AZEVEDO NETO, 2011:30), com isso a *Belle Époque* se torna um momento dual, onde os aparatos modernos deveriam guiar o indivíduo para a civilização e ao mesmo tempo excluía aqueles que não encaixavam no quesito de cidadão da modernidade.

É necessário conhecermos os aparatos modernos, que levaram a sociedade do fim dos oitocentos e a do alvorecer do século passado a vivenciarem a *Belle Époque* no cerne de importantes núcleos urbanos. Tais aparatos da modernidade evidenciam os motivos que levaram a modernização das cidades e revelam o anseio de fazerem parte de uma civilização pautada em costumes refinados oriundos da Europa (mais especificadamente na França), no caso de algumas cidades brasileiras a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Belém, Natal, Salvador e Aracaju, o nosso objeto de estudo.

A cidade de Aracaju que desde sua fundação até o início de 1910 permaneceu inerte perante a inserção dos aparatos modernos em outras capitais brasileiras, começa tardiamente, a perscrutar pelos trechos que levam a modernidade. Somente nesse período foi que a capital sergipana “conseguiu criar monumentos, embelezar ruas, praças e prédios públicos” (SANTOS, 2013:71).

*As inaugurações foram constantes nessa época. Apesar de muitos presidentes do estado alegarem a escassez dos recursos, as obras públicas eram inauguradas quase sempre com grande pompa, demonstrando a preocupação em promover a imagem dos líderes políticos. (SANTOS, 2013: 74)*

Através da assertiva, percebemos como o perfil dos representantes políticos era forjado, através de inaugurações e discursos a população, essas foram práticas usadas constantemente pelos representantes da nova ordem política, uma antítese da monarquia, logo comprovamos que de fato a república necessitava se consolidar com esses eventos, pois naqueles momentos iniciais do regime implantado “o manto da República não cobria a todos. As preocupações acerca o embelezamento de Aracaju foram materializadas com as reformas dos palácios e construção dos jardins nas praças públicas.”(SANTOS,2013:72). A criação áreas verdes e arborizadas fazia parte do processo de embelezamento das cidades, como vimos anteriormente, as cidades de

Natal, Belém e Franca<sup>3</sup> ao realizarem suas reformas urbanas arborizaram áreas principais da *urbe*, esses lugares foram usados como lugares de plena sociabilidade.

Os primeiros sinais da modernização em Aracaju tiveram sua gênese no início do século passado, no entanto, foi nos anos de 1920 que as mudanças na estrutura urbana começaram a ganhar notoriedade e a inserção aos aparatos modernos foi intensificada. Antes de adentrarmos as transformações que mudaram o cotidiano da capital de Sergipe, devemos entender como estava a situação política e econômica do estado, todavia devemos também conhecer os agentes dessas transformações para entendermos quais foram os motivos que os levaram a remodelar a outrora cidade pantanosa.

A partir de 1920, Aracaju começa a receber indústrias que ajudariam a alavancar a economia possibilitando assim um conjunto de situações favoráveis para as transformações que estavam acontecendo na estrutura urbana da capital desde a primeira década do século XX. De fato houve um aumento significativo de indústrias em Aracaju entre 1907 a 1920, de 41 estabelecimentos passava a possuir 237. No entanto, ainda corroborando com Dantas (1999):

*É verdade que não podemos esperar muito valor ou importância dessas indústrias. Embora signifiquem uma forma superior de domínio da natureza, em sua maioria eram pequenos estabelecimentos para transformações elementares. Entretanto, há sem dúvida exceções a ressaltar, sobretudo as têxteis. (DANTAS, 1999:46)*

O autor aponta a importância das fábricas de tecidos para a economia sergipana, pois elas representavam “a segunda grande contribuição aos cofres públicos”<sup>50</sup>. Segundo a mensagem proferida pelo então Presidente do Estado, José Joaquim Pereira Lobo, a Assembleia Legislativa em 07 de outubro de 1922, das oito fabricas existentes em Sergipe, duas delas estavam em Aracaju. De acordo com o governante “Augmenta progressivamente em nosso Estado, já pelo aperfeiçoamento de seus aparelhos, já pela ampliação de novos ramos, especialmente no que diz respeito a tecidos” <sup>51</sup>. A

---

<sup>3</sup>Sobre a arborização de Natal ver em: MARINHO, Márcia Maria Fonseca. **NATAL TAMBÉM CIVILIZA-SE: Sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense (1900-1930)** 133 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Universidade Federal do Rio Grande, Natal, 2008. Sobre as áreas verdes de Belém ver em: SARGES, Maria de Nazaré. **Belém** Riquezas produzindo a *Belle Époque* (1870-1912). 2. Ed. Belém: Paka-Tatu, 2002. Sobre a arborização de Franca: FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

mensagem presidencial contém um anexo contendo as fábricas existentes no estado, também há uma caracterização de todas elas, por isso podemos comprovar que de fato as maiores e mais importantes estavam na capital, estamos falando da *Sergipe Industrial* e da *Fábrica Confiança*, o capital de ambas superava os da que existiam no interior.

A indústria dos tecidos se tornou mais importante na economia sergipana com eclosão da Primeira Guerra Mundial, pois os países beligerantes que eram os nossos principais fornecedores de manufaturas sofrem um grave declínio na economia e desvalorização na moeda, com isso passamos da condição de compradores para fornecedores, eis um dos principais motivos que levaram a valorização dos produtos têxteis na economia sergipana, “a elevação dos preços dos produtos de exportação, por sua vez, se refletia na vida interna do Estado, sobretudo em Aracaju.” (DANTAS, 1999:48). Vale ressaltar que a indústria ainda não havia superado o açúcar na economia, paulatinamente a importância das manufaturas cresceu e ficaram equiparados com as importações açucareiras, esse dois fatores alavancaram a balança comercial sergipana e ajudaram empreender as transformações na capital:

*Por mais que os lucros se acumulassem em mãos de uma minoria de proprietários, o incremento de renda gerada permitia um aumento do poder aquisitivo de outros estratos sociais, resultando na ampliação do mercado interno que, por sua vez, concorria para um maior dinamismo econômico, sobretudo no comércio. E esse processo foi-se tornando cada vez mais positivo, quando as famílias dos grandes proprietários enriquecidos passavam se estabelecer na capital, quer fosse com o objetivo e educação dos filhos quer em busca de atrações da vida urbana. E essa imigração de famílias enriquecidas comumente fomentava o levantamento de novas construções, cuja a primazia já se disse que, a partir de 1914, passou a ser disputada em Aracaju entre os senhores de engenho e os novos ricos. (DANTAS, 1999: 47-48)*

Com a melhora na economia sergipana, principalmente no âmbito das fábricas têxteis, houve uma migração para a capital, não apenas de pessoas abastadas que procuraram vivenciar um cotidiano urbano e cosmopolita, mas também de membros de estratos sociais menos favorecidos, que viam em Aracaju um recomeço para suas vidas. Logo, a população começa a subir e em 1920 possuía 37.440 habitantes, uma diferença de 16.308 comparado com os dados de 1900 esses números representam um aumento de quase 22% na população da capital de Sergipe em um período de vinte anos.

Devido ao aumento da população, fator influenciado pelo crescimento da economia, Aracaju foi se “impondo como centro de atração residencial superando a má fama de cidade de clima inóspito e pontuada de poças de água onde proliferavam mosquitos causadores de febres” (DANTAS,1999:49), mas se fazia necessário promover uma reforma que possibilitasse não somente o cotidiano cosmopolita que muitos desejavam, era preciso submeter também a população a normas e posturas para evitar a proliferação de doenças, pois Aracaju ainda sofria com problemas de saúde pública e conter atos tidos como não civilizados e que comprometiam a inserção da capital na modernidade e vivenciar sua *Belle Époque*.

Uma das principais tarefas de Pereira Lobo<sup>4</sup>, presidente do Estado eleito em 1918, seria erradicar com os focos dessa nova epidemia que assolava a capital e os interiores sergipanos, porém, para que isso fosse realizado, se fazia necessário empreender reformas que garantissem o saneamento básico dos habitantes de Aracaju, pois a Diretoria de Higiene e Saúde Pública, criada em pelo decreto de número 681, de 30 de agosto de 1915 e responsável pelos serviços de profilaxia e sanitária do estado (SILVA,1920:84), não estava conseguindo manter um serviço regular entre a população, logo “os governantes vinham cuidando do saneamento e do aperfeiçoamento dos métodos da saúde pública. Mas era uma evolução lenta com pouca ou nenhuma ajuda da esfera federal” (DANTAS,2004:37). Sobre a Diretoria de Higiene e Saúde Pública, no entender de Santana (2005) servia junto com Serviço de Assistência Pública e eram similares aos atuais “Pronto Socorros, que, por razões não compreendidas, estava a cargo do Setor Policial” (SANTANA,2001:134)

O Novo presidente teve que empreender uma verdadeira força tarefa para erradicar os focos das doenças que estavam assolando Sergipe e Aracaju nos idos de 1918, pois um fator que era importante para a modernização da cidade era sanear-se e

---

<sup>4</sup>Nasceu na cidade de São Cristóvão em 23 de dezembro de 1854, filho do capitão Joaquim José Pereira e dona Joanna Rosa de Vasconcellos Pereira. Seu pai militou durante o Império no Partido Liberal, ao lado do Barão da Estância, comendador Almeida Boto e José Faro. Realizou os estudos primários em São Cristóvão e em 1883 mudou-se para o Rio de Janeiro onde se matriculou na antiga Escola Militar da Corte. Em 1892 recebeu o título de bacharel em matemática, ciências físicas e naturais. No mesmo ano foi encarregado das obras militares em Sergipe. Em 1893 foi promovido a capitão, logo obteve uma licença do exército para ocupar uma cadeira na Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe. Através do presidente do estado, o Sr. general Oliveira Valladão, fez-se ocupar uma cadeira no senado federal de lá saiu para ocupar a presidência de Sergipe até 1922. Faleceu no Rio de Janeiro em 24 de fevereiro de 1933. Ver em: SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920. p. 80.

manter-se limpa, no entanto esse problema seria constantemente evidenciado pelos jornais<sup>59</sup>, como nos mostra *O Imparcial*:

*A salubridade de Aracajú deve constituir um dos factos tangíveis ao seu progresso e desenvolvimento. Já não é permitido adiar o seu estudo e a aplicação das medidas requeridas pela saúde em geral. A população cresce a cada dia a dia, como se pode ajuizar do movimento das ruas, aumento das construções e deficiência das habitações. Infelizmente não temos outras fontes de informação; prevalecemo-nos da observação que nos oferece os movimentos da capital e que está á vista de todos. (O IMPARCIAL, 1918: 1)*

Com o crescimento da população, que saiam do interior em busca de novas condições de vida, no caso dos estratos mais inferiores, ou para vivenciarem um ambiente mais agitado comum nas grandes cidades, no caso das classes mais abastadas, os problemas de higiene e saúde pública se desenvolveram intensamente, logo, como o jornal deixa claro, foi um problema que afetaria o progresso e desenvolvimento na capital.

Uma das primeiras tarefas do presidente no que se refere à modernização e urbanização de Aracaju foram justamente a remodelação das ruas , logo o alargamento e o calçamento foram iniciados, mais uma vez vemos um exemplo do que ocorrera no Rio de Janeiro, então capital federal, durante a reforma de Pereira Passos. A remodelação das ruas da capital sergipana era importante, pois assim como no Rio, havia a presença de águas estagnadas e essa situação era vista como “causa principal de insalubridade”(SANTOS,1999:15) e por fim, João do Rio afirma que a rua é mais que “um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações (...) é um fator de vida das cidades, a rua tem alma!” (RIO,2008:29)

Durante as reformas urbanas em Aracaju, o decreto de número 238, de 18 de julho de 1919 foi promulgado pelo intendente municipal Dr. Antônio Baptista Bittencourt, onde destinava dois terços da renda do imposto e um terço da *contribuição especial* exigida aos proprietários, no entanto alguns comerciantes insatisfeitos com a lei procuraram protelar perante a intendência e câmara municipal, todavia não obtiveram sucesso. O jornal ainda ressaltou que na “*Inglaterra e na França vigoram aquelas mesmos princípios, e é intuitivo que também aqui devam elles vigorar*” (CORREIO DE ARACAJÚ,1920:1). Percebamos mais uma vez, presença de elementos europeus para definirem as leis que arrecadarão subsídios para a reforma.

Dentre as ruas e avenidas que ganharam destaque durante a reforma urbana de Pereira Lobo foi a Avenida Rio Branco que chamou a atenção da população aracajuana, nesse local, às margens do Rio Sergipe, foi construído um “cais de proteção, com balaustrada e passeio em grande extensão da Avenida Ivo do Prado, e também da Avenida Rio Branco.” (WYNNE,1970:426).

O próprio Pereira Lobo, em mensagem à Assembleia Legislativa elucida a importância de Aracaju possuir uma avenida bela e charmosa, no momento em que ela passa por um momento de remodelação urbana:

*Os trabalhos de remodelação e embelezamento da avenida Barão do Rio Branco vão bastantes adiantados. Aracajú, como capital de um Estado que se desenvolve, não podia, por mais tempo, conservar a praia desforme que possuía, sem hygiene e sem regularidade. Assim é que auctorizei a Directoria de Obras a emprender a construcção do caes de saneamento e protecção, acompanhando as bellas curvas do rio Cotinguiba. Essa construcção, que já attinge a mil metros, segue o projecto de melhoramentos da avenida Barão do Rio Branco, confeccionando pela Directoria de Obras e approved pelo governo. O caes em construcção, alem de sanear a margem do rio, fazendo com que as suas águas lhe estejam em contacto e eliminando os detricos que se aglomeram nas praias, embelleza-a e protege o grande aterro necessário á avenida. (SERGIPE, 1919: 78)*

Nas reformas urbanas das cidades brasileiras, houve a importância de grandes e largas avenidas serem “rasgadas” nas entranhas das urbes, realizando assim, uma compilação das transformações capitaneadas por Haussmann em Paris, ou, comparando com um exemplo mais próximo, o embelezamento do Rio de Janeiro efetivado por Pereira Passos no início do século XX, mais precisamente em 1903. Essa última, imitando o exemplo da Cidade Luz com seus *Boulevards*, após derrubar inúmeros casarões coloniais no centro do Rio, como vimos anteriormente, cria a Avenida Central. Em Aracaju, tais situações foram compiladas de acordo com suas condições.

Mesmo realizando essas e demais remodelações, que trataremos mais a frente, surgiram críticas com relação as reformas empreendidas por Pereira Lobo, uma dessas críticas foi publicada no Jornal *Século XX*, de acordo com o periódico:

*“(...) como poda embellezar a cidade se esta continuava um viveiro de mosquitos? Sabemos que há perto de mil contos em cofre público para higienizar a cidade. Mas higienizar como? Construindo um bello caes e fazendo uma linda avenida na frente da cidade? Desperdício do dinheiro público com obras superfluas. (SÉCULO XX, 1919, p. 01)*

De acordo com o jornal, embelezar a cidade não minimizaria a proliferação de mosquitos transmissores de doenças nocivas a saúde humana, era um gasto desnecessário realizar tais empreendimentos. No entanto, a reforma urbana durante o governo de Pereira Lobo não estava restrito apenas a construir novas avenidas, erguer novas edificações ou calçar ruas. O presidente estava também preocupado com a questão dos aterros que deveria realizar a fim de evitar um surto de endemias na capital, pois Aracaju nesse período era uma cidade dominada pelos pântanos que ainda existiam e era um entrave para a saúde pública, como também por uma capital que progride de forma sensível (SANTOS,1999:17). Sobre essa questão, o próprio presidente relata na mensagem presidencial as formas que estão sendo tomadas para diminuir com as áreas pantanosas de Aracaju:

*Os serviços de saneamento da capital, no que concerne particularmente aos aterros e drenagem, têm sido por mim considerados com especial atenção. Um dos principais serviços de aterro executados na capital é, sem duvida, o da grande área situada ao norte da cidade, e onde se acha localizada a Estação da Estrada de Ferro. Ponto grandemente freqüentado, da maior comunicação com os diversos locais da cidade, a Estação da Estrada de Ferro, até então era um dos de mais difícil acesso, principalmente nos tempos invernosos, pela imensa lagoa que se formava nos terrenos de apicum, que separam a rua de Japarutuba do bairro Industrial. (SERGIPE, 1919: 79)*

Para realizar os aterros, foi necessário desapropriar pessoas que ainda residiam nessas regiões em suas casas de palha, pois não tinham como atender as exigências prescritas nos códigos de postura, que mesmo no século XX, apresentava algumas características similares aos que foram utilizados na centúria passada.

O papel de Pereira Lobo foi fundamental para tais transformações serem empreendidas com audácia, devido aos problemas e a pouca condição encontrados durante a realização do embelezamento de Aracaju. Porém mesmo realizando inúmeras obras em Aracaju e no estado, “governou de forma autocrática, a ponto de vários de seus correligionários bandearem-se em 1921 para o movimento oposicionista denominado *Reação Republicana*.” (DANTAS, 1989, p. 87)

Através de um dos métodos trabalhados por Ginzburg (2011) onde o mesmo diz que o historiador deve analisar as fontes como evidências e julgá-las tal como um juiz, nesse contexto, os jornais da época foram analisados e pode-se perceber que O Correio de Aracaju era o que mais fazia propagandas exageradas sobre os principais políticos do

estado e juntamente com o estado de Sergipe, esses periódicos eram órgãos do governo. O Imparcial que circulou até os anos iniciais do governo de Pereira Lobo, quando publicou uma matéria que não agradou ao presidente, seu dono foi convidado a depor e não suportando as perseguições fechou o jornal e mudou-se para o Rio de Janeiro. (DANTAS, 1999, p. 67). Somente o Sergipe Jornal não fazia propagandas exageradas ou críticas ferrenhas ao governo, em matéria publicada em 28 de outubro de 1921, o jornal disse que respeitava a presidência do estado e por ser uma sociedade anônima, agia por conta própria.

O que tenha influenciado o mandatário sergipano a realizar a reforma, foi o contato dele com Rio de Janeiro no início do século passado, quando a capital vivia um momento de transformações em seus cenários, lembrando que antes de assumir o governo sergipano, Pereira Lobo era um Senador da República e figura presente em diversos periódicos da época, pois se foliarmos alguns números da Revista *Fon-Fon* vamos encontrar diversas matérias sobre ele. Assim como Haussmann e as reformas em Paris, influenciaram Pereira Passos e as reformas no Rio de Janeiro, ambos podem ter ajudado a compor o ideal reformista em Pereira Lobo quando decidiu embelezar Aracaju dentro dos mesmos paradigmas, tornando-o um “Haussmann sergipano”.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO NETO, Joachin. **Uma outra face da Belle Époque Carioca:** O cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** A aventura da modernidade. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Os Partidos políticos em Sergipe (1889-1964).** Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **História de Sergipe:** República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Tenentismo em Sergipe:** Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930. 2. Ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Controlando a evidência: o juiz e o historiador**. In: NOVAIS, Fernando A. Silva, Rogério F. da. (org.) **Nova História em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: Crônicas**. ANTELO, Raul. (org). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTANA, Antônio Samarone de. **As Febres do Aracaju: Dos Miasmas aos Micróbios**. Aracaju: O Autor, 2001.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **“Hygiene, saúde e beleza”**: preocupações eugênicas nos periódicos sergipanos de Aracaju (1910-1920). São Cristóvão, 1999. 110 f. Monografia (Curso de Licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da Modernidade: A arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

SANTUCCI, Jane. **Cidade Rebelde: As revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio**. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920.

SILVA, Maurício. **A Héliade e o Subúrbio: Confrontos literários na Belle Époque Carioca**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

WEBER, Eugen. **França Fin-de-Siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WYNNE, José Pires. **História de Sergipe (1875-1930)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1970.

## JORNAIS

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 1920

SÉCULO XX, Aracaju, 1920.

O IMPARCIAL, Aracaju, 1918.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 1920.

## DOCUMENTOS

**Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 07 de setembro de 1920, ao instalar-se a 2ª sessão ordinária da 14ª Legislatura, pelo Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo, Presidente do Estado**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920.

**Mensagem apresentada à Legislatura, pelo Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo, Presidente do Estado. Aracaju: Imprensa Oficial, 1921. Assembléia Legislativa em 07 de setembro de 1921, ao instalar-se a 3ª sessão ordinária da 14ª**

**Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 07 de setembro de 1922, ao instalar-se a 4ª sessão ordinária da 14ª Legislatura, pelo Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo, Presidente do Estado. Aracaju: Imprensa Oficial,**